

POR QUE NÃO
PODEMOS ESPERAR

**MARTIN
LUTHER
KING**

POR QUE NÃO
PODEMOS ESPERAR
**MARTIN
LUTHER
KING**

Tradução
SARAH PEREIRA

 FARO
EDITORIAL

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2020

© 1964 WHY WE CAN'T WAIT BY MARTIN LUTHER KING, JR.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Coordenação editorial **CARLA SACRATO**

Preparação **DANIEL RODRIGUES AURÉLIO**

Revisão **BARBARA PARENTE**

Capa e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**

Foto de capa **GRANGER, NYC | ALAMY**

Fotos de miolo **DOMÍNIO PÚBLICO. PÁGINA 20: PORTRAIT OF KING - NOBEL FOUNDATION; PÁGINA 21: WIKIMEDIA COMMONS; PÁGINA 54: PHIL STANZIOLA | LIBRARY OF CONGRESS; PÁGINA 55: ROWLAND SCHERMAN | NATIONAL ARCHIVES AND RECORDS ADMINISTRATION; PÁGINA 68: WARREN K. LEFFLER | UNITED STATES LIBRARY OF CONGRESS; PÁGINA 69: MARION S. TRIKOSKO | AGENCE FRANCE-PRESSE; PÁGINA 106: WIKIMEDIA COMMONS | LIBRARY OF CONGRESS PRINTS AND PHOTOGRAPHS DIVISION | NEW YORK WORLD-TELEGRAM AND THE SUN NEWSPAPER PHOTOGRAPH COLLECTION; PÁGINA 107: U.S. NATIONAL ARCHIVES AND RECORDS ADMINISTRATION; PÁGINA 122: NATIONAL ARCHIVES | EBONY MAGAZINE; PÁGINA 123: LIBRARY OF AMERICAN CONGRESS**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

King, Martin Luther

Por que não podemos esperar / Martin Luther King ;
tradução de Sarah Pereira. -- São Paulo : Faro Editorial,
2020.

176p.

Título original: Why we can't wait
ISBN 978-65-86041-26-2

1. Ciências sociais 2. Racismo 3. Negros - Direitos
civis - Estados Unidos 4. Relações raciais - Negros I.
Título II. Pereira, Sarah

20-2146

CDD 323.1196

Índice para catálogo sistemático:

1. Negros - Direitos Civis - Estados Unidos



Edição brasileira: 2020

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 – Sala 310

Alphaville – Barueri – SP – Brasil

CEP: 06473-000

www.faroeditorial.com.br

INTRODUÇÃO

DOROTHY F. COTTON¹

Em 1963, Birmingham era chamada com frequência de cidade mais segregada dos Estados Unidos. Nossa luta pela liberdade ali revelou quão brutal e difuso era o padrão de segregação, quão difícil e desafiador seria essa parte da nossa jornada. Cada vez que exigíamos mais direitos aos cidadãos, encontrávamos mais ódio e violência vindos dos oficiais públicos segregacionistas. Todavia, apesar da oposição intensa, centenas de cidadãos de Birmingham uniram-se a nós na luta para conseguir mudanças. Marchar por liberdade e aguentar o encarceramento se tornou uma situação cotidiana. Mas, então, veio um tempo em que as cadeias ficaram cheias, mesmo quando a polícia começou a prender outros manifestantes nas feiras locais.

Foi em uma Sexta-feira Santa, e havia uma igreja cheia de pessoas esperando para marchar pela liberdade seguindo o Dr. Martin Luther King Jr. Seus objetivos incluíam a eliminação da rígida segregação de Birmingham. Eles queriam o direito ao voto. Eles queriam empregos e a capacidade de provar uma roupa em qualquer lugar que comprassem. Queriam que as escolas públicas abrissem suas portas para qualquer criança, independentemente da cor de suas peles. Os afro-americanos tinham que formar uma fila separada e esperar por atendimento até nas lojas de bebida. Mesmo assim, continuávamos a cantar “We would not let anything turn us around”,² um de nossos mais populares cantos de liberdade.

Com esse pano de fundo, eu estava lá quando Martin enfrentou sua decisão mais comovente durante a luta em Birmingham. As cadeias estavam lotadas e os manifestantes esperavam por fiança, mas estávamos sem dinheiro. No quarto 30 do Hotel A. G. Gaston, foi feita uma reunião longa e intensa com líderes civis locais, o Dr. King e sua equipe da Conferência da Liderança Cristã do Sul (SCLC).³ Todos tinham respondido ao chamado do reverendo Fred Shuttlesworth,⁴ o líder local dos direitos civis que havia convidado o Dr. King para Birmingham. Com a igreja repleta de gente esperando-o para liderar outra marcha pacífica pelo centro da cidade, precisávamos de uma decisão. Tínhamos que convocar um boicote para conseguir a atenção dos empresários em nossa comunidade, para que entendessem os objetivos de nosso movimento, para perceberem a razão da nossa luta.

Neste livro, Martin relembra sua experiência de sincero desespero enquanto escutava calmamente os argumentos acalorados sobre se deveríamos nos concentrar em conseguir dinheiro, que seria usado nas fianças das centenas de pessoas que já estavam presas, ou se ele mesmo deveria ir para a cadeia, como já havia insistido em fazer tantas vezes — não somente em Birmingham, mas em protestos ocorridos em outras cidades.

Ainda choro quando leio sobre a agonia que ele sentiu enquanto escutava a todos no quarto 30. A maioria de nós insistia que ele ficasse fora da prisão naquele momento, devido à urgência por dinheiro para as fianças. Martin lembrou que havia “vinte e quatro pares de olhos” nele. Naquele momento, tinha que “*encarar a si mesmo*” como líder. Afinal de contas, ele havia encorajado pessoas por toda a comunidade para aceitarem o sofrimento, o encarceramento. Não seriam somente os olhos das pessoas de Birmingham sobre ele, mas os olhos e ouvidos de toda a nação. Ele estava “sozinho naquele quarto lotado”.

Após suportar seu silêncio agonizante, ele comunicou claramente que havia tomado uma decisão. Sem dizer nada, ficou de pé e andou pelo quarto vizinho. Quando retornou à sala de estar onde estávamos reunidos, havia colocado as roupas para marchar. Podíamos perceber que não havia mais a necessidade de ponderar suas escolhas. Palavras não poderiam comunicar de forma mais poderosa que ele havia tomado a sua decisão. O debate havia terminado.

Mais tarde, ele explicou que “não poderia encorajar centenas de pessoas para fazer um sacrifício colossal e então absolver a si mesmo”. Ficamos de pé, fizemos um círculo, demos as mãos, como era nosso costume, e cantamos “We Shall Overcome”,⁵ o hino do nosso movimento. Alguns de nós cantamos com lágrimas nos olhos. Foi um momento emocionante.

A decisão de Martin de ir para a cadeia foi um ponto de virada crucial na luta pelos direitos civis. Apesar de ter sido colocado na solitária, seu espírito foi consolado quando seus advogados finalmente receberam autorização para visitá-lo. Clarence Jones⁶ trouxe notícias encorajadoras: Harry Belafonte⁷ conseguiu juntar cinquenta mil dólares para as fianças. Aqueles de nós que tinham participado da discussão no quarto 30 no Hotel Gaston perceberam que Martin havia tomado a decisão correta, tanto moral quanto tática.

Durante seu tempo na cadeia, Martin iria escrever sua explicação mais profunda sobre a nossa estratégia de não violência. Sua agora famosa obra intitulada “Cartas de uma prisão em Birmingham”⁸ foi a resposta para um grupo de clérigos brancos que o criticaram severamente por ser um agitador externo. A defesa detalhada de Martin pode ser resumida em uma linha poética: “Injustiça em qualquer lugar é uma ameaça à justiça em todos os lugares”.

Logo todo o país, na verdade todo o mundo, escreveria sobre nosso trabalho em Birmingham e nossa determinação em sermos livres. Neste livro, Dr. King explica, da maneira mais clara que já ouvi, como a não violência — “A espada que cura” — pode se tornar uma poderosa ferramenta de transformação e, desse modo, transformar sistemas criados para abusar das pessoas. Elucida como todos os afro-americanos envolvidos em nossa própria luta por libertação incorporaram a dignidade da convicção moral e do autossacrifício. E, o mais importante, ele descreve como o caminho da não violência cura tanto o oprimido quanto o opressor. Em vez de simplesmente expressar dor, raiva e vitimização, as pessoas oprimidas podem experimentar a cura necessária como resultado da Comunidade Amada.⁹ Na verdade, essas ideias já apareciam em “A Birmingham de Bull Connor”,¹⁰ mas, com Martin King Jr., Fred Shuttlesworth e outras pessoas comprometidas a trabalharem juntas, surgiu “Um novo dia em Birmingham”.

Outra “ferramenta” descrita neste livro por Dr. King é a importância dos cantos por liberdade. Ele mostra como e por que as músicas eram “a alma do movimento”, explicando que, mais do que “encantamentos de frases inteligentes”, eram também “adaptações das músicas que os escravos cantavam”.

Aprendemos algumas lições importantes em nossa luta em Birmingham e precisamos aplicá-las agora. Como Martin disse: “Não podemos esperar”. Não podemos esperar, porque as cadeias estão cheias de jovens negros, incluindo muitos pais que são incapazes de criar os filhos. Não podemos esperar, porque agora sabemos que falhar em fazer da educação uma prioridade é trair os talentos latentes. Não podemos esperar, porque nossos homens e mulheres jovens estão sendo programados para matar (e chamam isso de “servir o nosso país”).

Nada disso é sugerir que a estrada pela frente será fácil. A luta de Birmingham foi difícil. Porém, lembro-me algo que um empresário branco local me disse muitos anos antes dos eventos contados neste livro. O Sr. Emil Hess tinha tido a coragem de reconhecer Birmingham como a catapulta da América para dentro do século XX.

Se nos atentarmos para o chamado de Martin Luther King nos dias de hoje, podemos começar uma luta que irá catapultar nossa nação em direção a um novo século de progresso, ainda mais empolgante, rumo ao ideal de paz com justiça social.

INTRODUÇÃO

MARTIN LUTHER KING Jr.

É o começo do ano do Nosso Senhor de 1963.

Eu vejo um menino negro. Ele está sentado em uma varanda em frente a um conjunto de apartamentos infestado de insetos no Harlem. O fedor de lixo está nos corredores. Os bêbados, os desempregados e os viciados são figuras sombrias do seu mundo cotidiano. O garoto vai para uma escola frequentada principalmente por estudantes negros com alguns porto-riquenhos dispersos. Seu pai é um dos desempregados. Sua mãe é uma doméstica que dorme na casa da família para a qual trabalha em Long Island.

Eu vejo uma menina negra. Ela está sentada na varanda de uma casa de madeira de uma família em Birmingham. Alguns visitantes chamariam de barraco. Ela precisa muito ser pintada e o telhado remendado parece estar prestes a desmoronar. Meia dúzia de crianças pequenas, em vários estágios de nudez, estão correndo pela casa. A criança é forçada a desempenhar o papel de sua mãe. Ela não pode mais frequentar a escola de negros em sua vizinhança, porque sua mãe morreu recentemente após um acidente de carro. Vizinhos dizem que, se a ambulância não tivesse chegado tão tarde para levá-la ao hospital só de negros, ela ainda poderia estar viva. O pai da menina é porteiro em uma loja de departamento no centro. Ele sempre será porteiro, porque não há promoções para negros nessa loja.

Esse garoto e essa garota, separados por milhares de quilômetros, estão se perguntando: por que a miséria sempre persegue o negro? Em algum passado distante, os seus antepassados causaram algum prejuízo trágico para a nação e a maldição da punição foi imposta sobre a raça negra? Eles tinham se esquivado de seus deveres patriotas, traíram seu país, negaram seus direitos naturais de nascença? Tinham se recusado a defender sua terra contra um inimigo estrangeiro?

Nem toda história é registrada nos livros fornecidos para as crianças nas escolas do Harlem ou de Birmingham. No entanto, esse menino e essa menina sabem algo, de parte da história, que foi censurado pelos escritores brancos e compradores de livros do conselho de educação. Sabem que os negros estavam com George Washington no Vale Forge,¹¹ que o primeiro americano a derramar sangue na revolução que libertou seu país da opressão britânica foi um marinheiro negro chamado Crispus Attucks. O professor de escola dominical do menino lhe disse que uma das equipes que desenhou a capital da nação, Washington, D.C., era um negro chamado Benjamin Banneker. Depois que a menina ouviu um orador, convidou-o para a escola durante a Semana da História do Negro. Esse orador contou como, durante duzentos anos sem salários, os negros trazidos para esta terra em navios negreiros e em correntes drenaram os pântanos, construíram as casas, plantaram algodão com as costas chicoteadas para levantar esta nação da obscuridade colonial para um lugar de comando e influência no comércio doméstico e mundial.

Qualquer lugar onde houvesse trabalho difícil, sujo e perigoso — nas minas, nas docas ou com fundições —, os negros haviam feito mais do que a parte deles.

Os pálidos livros de história no Harlem e em Birmingham disseram como a nação tinha lutado uma guerra contra a escravidão. Abraham Lincoln havia assinado o documento que ficaria conhecido como a Proclamação de Emancipação. A guerra tinha sido conquistada, mas não a paz justa. A igualdade nunca chegou. A igualdade estava cem anos atrasada.

O menino e a menina sabiam mais do que a história. Eles tinham ciência de algumas coisas sobre os eventos recentes. Compreendiam que as nações africanas tinham rompido com os laços do colonialismo.

Sabiam que um trineto de Crispus Attucks poderia ser excluído de alguns restaurantes somente de brancos, em alguma seção toda branca de uma cidade do Sul, apesar de seu uniforme dos fuzileiros navais dos Estados Unidos. Sabiam que os negros vivendo na capital de seu próprio país estavam confinados a guetos e nem sempre conseguiam um emprego para o qual estavam qualificados. Eles sabiam que os supremacistas brancos tinham desafiado a Suprema Corte e que os governadores do Sul haviam tentado se interpor entre o povo e a mais alta lei da terra. Tinham a consciência de que, durante anos, seus próprios advogados haviam conquistado grandes vitórias nos tribunais, que não estavam sendo traduzidas para a realidade.

Eles viram na televisão, ouviram nos rádios e leram nos jornais que esse era o centésimo aniversário da sua liberdade.

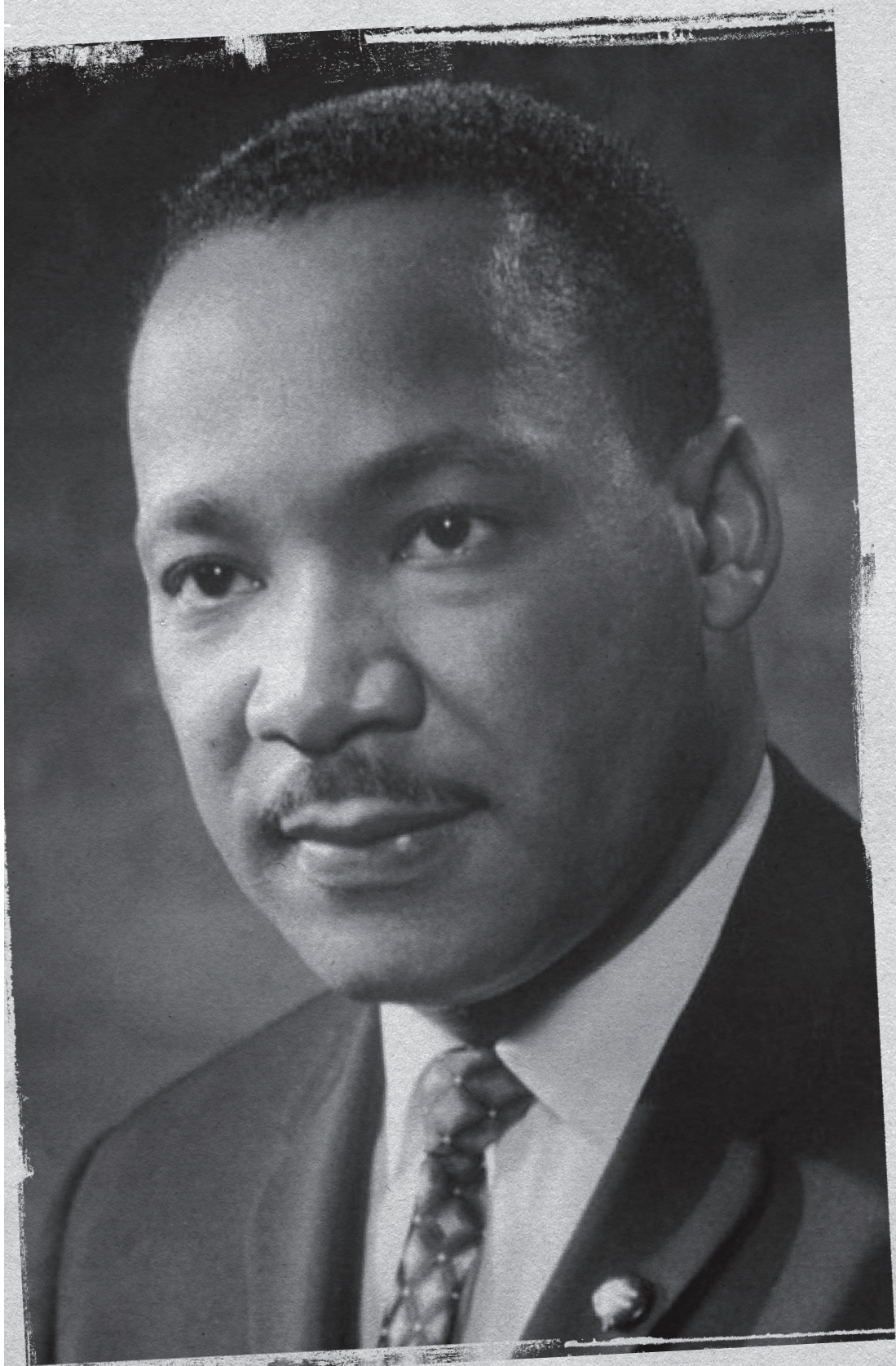
Mas a liberdade tinha um anel endurecido, um vazio zombeteiro quando, em seu tempo — no curto período de vida desse menino e menina—, os ônibus pararam de rodar em Montgomery. Passageiros foram espancados e presos, os viajantes da liberdade¹² foram brutalizados e assediados, presas de cachorros estavam à mostra em Birmingham; e no Brooklyn, em Nova York, havia alguns tipos de trabalhos em construções que eram somente para os brancos.

Era o verão de 1963. A emancipação era um fato? A liberdade realmente existia?

O garoto do Harlem se levantou. A garota de Birmingham ergueu-se. Separados por milhares de quilômetros, ambos ajeitaram os ombros e miraram os olhos para o céu. Ao longo dos quilômetros, deram as mãos e tomaram um passo firme à frente. Foi um passo que abalou as fundações da nação mais rica e poderosa.

Essa é a história daquele garoto e daquela garota. Essa é a história do *Por que não podemos esperar*.

Atlanta, Geórgia
Janeiro de 1964.





Martin Luther King durante
Marcha sobre Washington, em 1963.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



CAMPANHA



Há um grande número de portadores do vírus
HIV e de hepatite que não se trata.
Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite
é mais rápido do que ler um livro.

FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM JULHO DE 2020